

# Stadium

N.º 359  
19 de Outubro de 1949  
Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTOS DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

**AZEVEDO**, o extraordinário guarda-redes do Sporting, e tantas vezes da Selecção Nacional, a quem se presta homenagem, numa bela festa, a 25 de Dezembro próximo, que reunirá certamente todos os adeptos da bola



## NATAÇÃO

# Oito provas de rio e de mar

assinalam, com brilhantismo, a época de 1949

Por ABREU TORRES

A prova Cruz Quebrada-Belém, recentemente lenada a efeito pelo Clube de Futebol «Os Belenenses», encerrou o ciclo das corridas de rio e de mar da temporada de 1949. Foi a oitava de uma série de competições, iniciado no dia 8 de Maio com os «500 metros» da A. N. L., e que por sinal encerrou a lista com chave de ouro, pois ficou, sem dúvida, como uma das melhores do ano.

E vem realmente a propósito pôr em relevo o contributo das provas de rio e de mar para o brilhantismo da temporada natalícia prestes a atingir o seu termo. Nove competições de características diferentes, movimentando algumas dezenas de nadadores, levando a propoganda da natação a diversas localidades — Vila Franca, Alhandra, Sesimbra — isto sem esquecer a jornada inolvidável da Pequena Travessia de Lisboa, ou o espectáculo sempre movimentado e, apesar de clássico, sempre novo, da Travessia do Tejo.

Inabalçavelmente animada, fértil em organizações de todos os géneros, a época de 1949 — cujo calendário se cumpriu com regularidade verdadeiramente cronométrica — teve, sem dúvida, nas provas de fundo uma das suas mais brilhantes facetas.

As linhas que se seguem, arquivando para a história, os nomes dos nadadores que nessas provas se classificaram nos postos de honra, constituem, além de um sempre útil balanço, uma homenagem a esses mesmos nadadores.

### Os 500 metros da A. N. L.

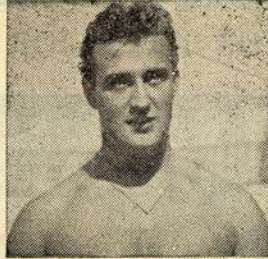
O ciclo das provas de rio iniciou-se a 8 de Maio, com a corrida de 500 metros, organizada pela Associação de Natação de Lisboa, ao longo da praia de Algés.

Attingiram a meta vinte nadadores, sendo os três primeiros os seguintes:

1.º, João Franco do Vale (Algés), 6 m. 49 s.; 2.º, Artur Mendes Silva (Estoril), 7 m.; 3.º, José Cabral Junior (Algés), 7 m. 2 s.



João Franco do Vale



Guilherme Patroni

### A meia-milha

A 5 de Junho, correu-se a meia-milha, em frente à praia de Algés, também em organização da Associação de Lisboa.

Concluíram a prova 21 nadadores, dos quais destacamos:

1.º, Guilherme Patroni (Algés), 15 m. 7,2 s.; 2.º, João Eduardo Pereira Bastos (Algés), 15 m. 15 s.; 3.º, José Cabral Junior (Algés), 15 m. 37 s.

### A milha

Dois semanas depois, ou seja a 19 de Junho, disputou-se a prova da milha, com partida na Cruz Quebrada e chegada a Algés, e organizada, tal como as duas corridas anteriores, pela Associação de Natação de Lisboa.

Dos 28 nadadores inscritos, compareceram à chamada, 19, dos quais 3 desistiram.

Nos postos de honra, temos: 1.º, António Pereira de Carvalho (Alhandra), 23 m. 45 s.; 2.º, Alfredo Rodrigues (Algés), 24 m. 10 s.; 3.º, Manuel Severino Pinhão (Alhandra), 24 m. 31 s.

### Pequena Travessia de Lisboa

Após largo interregno, disputou-se a 7 de Agosto, a 8.ª Pequena Travessia de Lisboa, em organização do Clube Sportivo de Pedrouços, que constituiu, sob todos os aspectos, bela e inolvidável jornada.

Completo a prova 23 nadadores — 17 seniores, 5 juniores e 1 popular — tendo os elementos seguintes ocupado os postos de honra:

Seniores — 1.º, Joaquim Baptista Pereira (Alhandra), 1 h. 29 m. 53 s.; 2.º, Jofre de Carvalho (Alhandra), 1 h. 32 m. 35 s.; 3.º, Manuel Pinhão (Alhandra), 1 h. 33 m. 14 s.

Juniores — 1.º, Armando de Oliveira (Pedrouços), 1 h. 42 m. 45 s.; 2.º, Manuel Natividade Silva (Algés), 1 h. 43 m. 24 s.; 3.º, Eino Velasquez Mendonça (Algés), 1 h. 43 m. 47 s.

Populares — 1.º e único, António Pacheco Barbosa (G. D. Tabacos), 2 h. 3 m. 18 s.

### Vila Franca-Alhandra

A 4 de Setembro, tivemos a sexta edição da prova Vila Franca-Alhandra, corrida de grande efeito espectacular e, sem dúvida, uma das mais populares do nosso calendário, este ano valorizada pela presença dos madeirenses José da Silva e Vasco Abreu.

Arquivermos os melhores: Seniores — 1.º, Joaquim Baptista Pereira (Alhandra), 49 m. 14,8 s.; 2.º, Jofre de Carvalho (Alhandra), 49 m. 31 s.; 3.º, José da Silva (C. D. Nacional), 50 m. 28 s.

Juniores — 1.º, João Peniche Faria (Cimento Tejo), 50 m. 44 s.; 2.º, Donald Soares (Barcelonense), 51 m. 6 s.; 3.º, Renato de Sousa (Cimento Tejo), 51 m. 7 s.

Dos 38 inscritos, responderam à chamada 24 nadadores, dos quais seis desistiram.

### Travessia de Sesimbra

A travessia da encantadora baía de Sesimbra teve, este ano, a 11 de Setembro, a sua terceira edição, tal como as duas primeiras devida ao incansável esforço do Clube Naval da risonha vila piscatória.

Dos trinta concorrentes inscritos — todos presentes à chamada — apenas desistiu um, o que na realidade constitui pormenor a assinalar agradavelmente.

Os melhores: 1.º, Jorge de Carvalho (Alhandra), 24 m. 52 s.; 2.º, José da Silva (C. D. Nacional), 25 m. 54 s.; 3.º, Vasco de Abreu (C. D. Nacional), 26 m. 7 s.

Senhores — 1.º, Maria Luíza Araújo (Algés); 2.º, Maria José Meles (Algés).

Registe-se, mais uma vez, o magnífico comportamento dos funchenses José da Silva e Vasco de Abreu.

### Travessia do Tejo

A clássica travessia do Tejo, com seu peso de tradições, uma prova magnífica que faz recordar os tempos do Real Ginásio, disputou-se este ano a 18 de Setembro, entre a Trafaria e Algés, em organização da A. N. L.

Dos 45 nadadores inscritos, faltaram à chamada 10, dos quais um desistiu. Attingiram a meta 14 seniores, 15 juniores, 2 seniores e 2 veteranos.

Por categorias, temos: Seniores — 1.º, Joaquim Baptista Pereira (Alhandra), 35 m. 55 s.; 2.º, Jofre de Carvalho (Alhandra), 35 m. 59 s.; 3.º, António de Carvalho (Alhandra), 36 m. 22 s.

## A MODERNA

OFICINA DE ENCADERNAÇÃO

Rua Eduardo Coelho, 22-C

Telef. 30078

LISBOA



Joaquim Baptista Pereira

Juniores — 1.º, João Peniche Faria (Cimento Tejo), 38 m. 25 s.; 2.º, Luís Graça (Cimento Tejo), 39 m. 27 s.; 3.º, Renato de Sousa (Cimento Tejo), 40 m. 32 s.

Senhores — 1.ª, Maria Luíza Araújo (Algés), 39 m. 49,5 s.; 2.ª, Odete Maria Nobre (Estoril), 51 m. 15 s.; 3.ª, Lucília Angeja (Algés), 57 m.

Veteranos — 1.º, Luís Carlos Reis (Belenenses), 53 m. 10 s.; 2.º, António Afonso Pala (Algés), 1 h. 9 m. 58 s.

### Cruz Quebrada-Belém

Quinze dias depois, em organização do Clube de Futebol «Os Belenenses», disputou-se a prova Cruz Quebrada-Belém, com a qual se encerrou com chave de ouro o ciclo das provas de rio.

Participaram 29 nadadores — 13 seniores, 13 juniores, 2 veteranos e 2 senhores — não se tendo verificado desistências.

Eis os primeiros: Seniores — 1.º, Joaquim Baptista Pereira (Alhandra), 50 m. 32 s.; 2.º, Jofre de Carvalho (Alhandra), 50 m. 36 s.; 3.º, António de Carvalho (Alhandra), 50 m. 55 s.

Juniores — 1.º, Donald Soares (Barcelonense), 52 m. 15 s.; 2.º, Manuel da Silva Rodrigues (Algés), 55 m. 58 s.; 3.º, Oscar Monteiro (Adicense), 57 m. 50 s.

Veteranos — 1.º, Luís Carlos Reis (Belenenses), 1 h. 4 m. 36 s.; 2.º, António Afonso Pala (Algés), 1 h. 15 m. 15 s.

Senhores — 1.ª, Odete Maria Nobre (Estoril), 59 m. 42 s.; 2.ª, Lucília Angeja (Algés), 1 h. 1 m. 35 s.

### Quadro de honra

A lista dos vencedores das provas de rio e de mar da temporada de 1949 fica, pois, elaborada do modo seguinte:

500 metros — João Franco do Vale (Algés), 6 m. 49 s.

Meia-milha — Guilherme Patroni (Algés); 15 m. 7,2 s.

Milha — António Pereira de Carvalho (Alhandra), 23 m. 45 s.

Pequena Travessia de Lisboa — Joaquim Baptista Pereira (Alhandra), 1 h. 29 m. 53 s.

Vila Franca-Alhandra — Joaquim Baptista Pereira (Alhandra), 49 m. 14,8 s.

Travessia de Sesimbra — Jofre de Carvalho (Alhandra), 24 m. 52 s.

Travessia do Tejo — Joaquim Baptista Pereira (Alhandra), 35 m. 55 s.

Cruz Quebrada-Belém — Joaquim Baptista Pereira (Alhandra), 50 m. 32 s.

# Na próxima temporada será abolida a disposição

que regula os ordenados dos jogadores profissionais

A Associação de Futebol da Argentina recebeu uma carta da Cruz Vermelha Portuguesa para a deslocação do S. Lorenzo ou do Racing

**D**EU-SE na Argentina o primeiro passo para a solução dos problemas que se mantêm latentes entre a Associação de Futebol e os «Futebolistas Agremiados».

Numa reunião prolongada, efectuada pela «Comissão Paritária», chegou-se, em princípio, a acordo que na próxima temporada será abolida a disposição que regula os ordenados dos jogadores profissionais, respeitando-se, contudo, os contratos que tenham maior duração. Quer dizer: aqueles que vão além do termo da presente época.

Aprovou-se naquela reunião magna uma clausula transitória que tem indubitável importância, pois estabelece que os jogadores têm direito a receber, a partir do primeiro de Setembro do corrente ano, a remuneração que percebiam em 1948, clausula esta que não será aplicada aos jogadores que foram transferidos entre clubes da Associação de Futebol.

Aqueles jogadores que não cheguem a um acordo com os seus clubes e em conformidade com as novas disposições poderão ser declarados livres de contratos.

Os arbitros — que têm sido uma ferida sempre gotejante, no futebol argentino — por sua vez, puseram-se de acordo e declararam mais uma greve.

Todos os vespertinos — os da especialidade, principalmente — fizeram campanhas para evitar mais um grave conflito que, a verificar-se, atestiguesse, agora, profundamente as raízes da organização do futebol sul-americano.

As campanhas dos jornais incidem sobretudo no que devia preocupar os arbitros: aperfeiçoarem-se, e fazerem-se respeitar por jogadores e adeptos. Numa palavra criarem personalidade.



Perucca

O facto é que com bons «juizes» nunca há conflitos no terreno do jogo, como não os há quando, na Argentina, actua os arbitros ingleses que ali estão contratados há dois anos.

A ameaça do êxodo dos jogadores parecia ter concedido uma tréguas. Já assinaladas as deserções de grandes «ases», fechado o período de transferencias e tratado com a acuidade devida a questão dos ordenados dos jogadores, o ambiente parecia ser tranquilo.

Mas, em boa verdade, o rastilho da bomba ficou a arder. No San Lorenzo de Almagro, a «bomba» explodiu. Angel Perucca, a mais forte garantia da equipa no sector médio, decidiu abandonar a Argentina e instalar-se na Columbia.

Angel Perucca apresentou-se à direcção do seu clube e antes de abandonar as fileiras «sanlorençistas», devolveu avultada quantia que a tesouraria do clube lhe havia adiantado quando da sua transferencia do Newell's Boys.

O caso Perucca, bastante lamentável, não é único. Benegas, também do San Lorenzo, decidiu viajar em companhia de Perucca. Só Pontoni se mostra indeciso, mas o desejo e a possibilidade de fazer fortuna no novo «El Dorado», do futebol, descoberto por Pedernera, há-de, decerto, pesar na sua consciencia.

A Associação de Futebol da Argentina recebeu uma carta da Cruz Vermelha Portuguesa, solicitando que actue no nosso país uma das equipas que no fim da temporada realizou digressão pela Europa. Este pedido foi notificado já a três clubes importantes — que são os de momento interessados em viagens à Europa e são eles: Newell's Old Boys, San Lorenzo e Racing de Buenos Aires.

# LEITORES ATENÇÃO!!

Nova iniciativa da  
**Stadium**

que continua a sua tradição, lançando uma

Série de grandes reportagens gráficas

durante o período do campeonato nacional de futebol.

## Catorze separatas a cores

formato grande

das equipas dos clubes que jogam na 1.ª Divisão.

Todos os meses uma ou mais separatas a cores.

Uma colecção que interessa a todos e que a STADIUM oferece sem aumento de preço

Comprem a  
**Stadium**

Ano VII — II Série — N.º 859  
Lisboa, 19 de Outubro de 1949

**Stadium**  
REVISTA DESPORTIVA

—  
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
RUA DA ROSA 252-1.º  
Telefone, 31187 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS  
Chefe de Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade da  
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

JOSÉ BATALHA



Nas Salésias, o grupo B do Atlético jogou com o Futebol Benfica. Nesta fase o «atlético» Coimbra desfez um ataque do grupo de Benfica e constrói uma jogada

## HOQUEI EM CAMPO

# Começo da nova época

assinalado pela desistência do clube mais antigo e introdutor da modalidade no País!

**C**OMEÇOU a nova temporada de hóquei em campo, que, no fim da anterior, teve como compensação a ida do Futebol Benfica à Bélgica e daquele clube e do F. C. do Porto a Vigo. Mas, a despeito da campanha de propaganda encetada em tão boa hora pelos directores da Associação de Lisboa e, ainda, das frequentes reuniões para cativar adeptos, afigura-se-nos que as dificuldades continuam a ser as mesmas... Ou talvez mais! É que se nota a ausência, nas provas deste ano, conforme participação oficial, do clube mais antigo da modalidade — o Hóquei C. P. — precisamente o seu introdutor no País; e por uma circunstância deveras lamentável — o facto (que parece simples mas é gravíssimo) de lhe ter sido retirado o campo de Palma!!! Já não ousamos pedir mais (porque as entidades oficiais, e, principalmente o sr. director geral dos Desportos, têm tido extremos de gentileza para com o hóquei-modalidade) mas, mesmo assim, cumpre-nos registar o triste acontecimento, que, repita-se, é profundamente lamentável, sobretudo na ocasião em que se procura e se pretende dar vida nova ao hóquei em campo — já com possibilidades confirmadas no aspecto internacional. No entanto, festeje-se, como aliás merece, o aparecimento do Oriental, que em boa verdade é quase uma ressurreição do desaparecido Chelas no que respeita à prática da modalidade. Gente nova, sem dúvida, mas sem esquecermos que o Chelas foi, em tempo, um bom propagandista do hóquei em campo. Quer dizer: vai um e outro volta — mas que a ausência do H. C. P. seja passageira são os nossos melhores votos.

À Associação de Lisboa, entregue aos cuidados de Magalhães de Oliveira, Seiro e Silva e Alvaro Lopes, dirigentes cheios de vontade e de fé no porvir hoquistico, deve-se algo nesta quadra de... ressurgimento. Mas a sua missão é árdua (abemo-lo por experiência própria) e evada de espinhos. Isto não significa, porém, que as dificuldades não sejam removíveis nem justifica quaisquer ligeiras sombras de desânimo. O caminho é só um: para a frente e sempre a direito! Crêmos bem que assim suceda — para glória do hóquei em campo, agora, felizmente, entrado na boa rota. Tanto assim que se nos afigura haver a possibilidade de promover, na época em curso, a disputa do primeiro campeonato nacional (em substituição da Taça de Portugal) organizado já, como se tornava mister, pela federação respectiva — cuja criação vai decerto ser um facto positivo dentro em breve.

A actividade hoquistica principia com o torneio em que serão disputadas as taças «Nova Sêdes» e «Domingos Pitelras». É esta a prova de abertura oficial da temporada — na qual tomam parte Atlético, Belenenses, Benfica e Futebol Benfica, todos com duas equipas. A primeira eliminatória, dada a difícil obtenção de campos, foi, porém desdobrada; e, assim, os jogos repartem-se por dois domingos. Mais uma vez aparece aqui o «velho problema» (falta de terreno) a empecilhar tudo! E, a propósito, ocorre-nos uma pergunta: — Por que se não tenta, até chamando para o caso a atenção e o indispensável auxílio das entidades oficiais, construir ou mesmo alugar um campo próprio (relativo e com as dimensões regulamentares) que sirva só para

# Três novos recordes

nos campeonatos nacionais de corridas em patins

**O**S campeonatos de Portugal de corridas em patins de rodas, disputados com a maior animação e interesse do público, nas noites de sexta-feira, sábado e domingo últimos, no rink do Benfica, forneceram resultados que, de modo geral, podem considerar-se muito satisfatórios.

É certo que se não batem recordes todos os dias — mas importa dizer que, no conjunto das 15 provas de seniores e principiantes, foram melhoradas mais três «marcas» — uma delas, a das «americanas» de 15 minutos, já batida nos regionais — e igualedos dois recordes.

Os recordes batidos agora foram os de 3x1.000 metros e «americanas» (para seniores) e de 3x200 metros (em principiantes).

E, como alguns dos novos campeonatos ficaram a menos de um segundo das «marcas» que constituem o melhor nas respectivas provas (300 e 1.500 metros — seniores; 300, 500 e 3x300 metros — principiantes; 100 e 3x100 metros — juniores) pode afoitamente dizer-se que estes campeonatos nacionais tiveram êxito absoluto.

Todos os vencedores pertencem (já é hábito...) ao Benfica — mas o Cascals, com uma equipa de seniores, deu-lhes boa réplica... até à altura de desistat da competição — por motivos que se justificam (ou aceitam) mercê do enervamento natural do momento.

Os novos campeonatos são:

**SENIORES — 300 metros:** Joaquim Oliveira, 38 s. 1/10 (a 2/10 do recorde de Abílio Reis); **500 metros** — Raúl Rodrigues, 1 m. 5 s. (a 1 s. 1/10 do recorde de Carlos Ventura); **1.000 metros** — Joaquim Oliveira, 2 m. 12 s. 2/10 (a 1 s. 7/10 do recorde de Augusto Albino); **1.500 metros** — António Claro, 3 m. 18 s. 4/10 (a 7/10 do recorde de Joaquim Oliveira); **5.000 metros** — António Claro e Raúl Rodrigues, 11 m. 13 s. 3/10 (a 12 s. 3/10 do recorde de Augusto Albino); **3x200 metros** — António Claro, Joaquim Oliveira e Raúl Rodrigues, 1 m. 16 s. (recorde igualado

— pertencente a Augusto Albino, Carlos Ventura e Valdemar Ferreira, estabelecido em 4/10/948); **3x500 metros** — António Claro, Augusto Albino e Raúl Rodrigues, 3 m. 13 s. (a 3 s. 2/10 do recorde de Augusto Albino, Valdemar Ferreira e Ventura Ferreira); **3x1.000 metros** — António Claro, Joaquim Oliveira e Raúl Rodrigues, 6 m. 34 s. 7/10 (novo recorde; o anterior era de Abílio Reis, Carlos Ventura e Joaquim Oliveira, com 6 m. 40 s. 4/10, desde 6/9/946); **americanas de 15 minutos** — António Claro, Joaquim Oliveira e Raúl Rodrigues, 7.075 metros (novo recorde; o anterior era da mesma equipa, com 7.025 metros, batido no dia 10 nos regionais).

**PRINCIPANTES — 300 metros:** Domingos Perdigão, 39 s. 6/10 (a 4/10 do recorde de Fernando Cruzreiro); **500 metros** — Manuel Camarate, 1 m. 6 s. (a 2/10 do recorde de Abílio Reis); **1.000 metros** — Domingos Perdigão, 2 m. 17 s. (a 2 s. 2/10 do recorde de Abílio Reis); **3x200 metros** — Domingos Perdigão, Manuel Camarate e Pires Gonçalves, 1 m. 17 s. 1/10 (novo recorde; o anterior era de Fausto Correia, Fernando Cruzreiro e Francisco Fonseca, com 1 m. 17 s. 9/10, desde 3/10/948); **3x500 metros** — Joaquim Cruz, Manuel Camarate e Pires Gonçalves, 3 m. 19 s. 5/10 (a 5/10 do recorde, pertença dos mesmos, batido no dia 10 nos regionais); **americanas de 5 minutos** — Domingos Perdigão, Manuel Camarate e Pires Gonçalves, 2.300 metros (recorde igualado — pertencente a Fernando Cruzreiro, Francisco Fonseca e Mário Lopes, desde 4/10/948, e à mesma equipa desde 7 do corrente, nos regionais).

**JUNIORES — 100 metros** — Fernando Frade, 14 s. 2/10 (a 2/10 do recorde de Fernando Paiva e Domingos Perdigão); **300 metros** — Fernando Frade, 41 s. 1/10 (a 1 s. 7/10 do recorde de Domingos Perdigão); **500 metros** — Miguel Correia, 1 m. 9 s. 2/10 (a 4 s. 4/10 do recorde de Domingos Perdigão); **3x100 metros** — António Lopes, Fernando Frade e Mário Sampaio, 40 s. 8/10 (a 8/10 do recorde de Domingos Perdigão, Manuel Camarate e Vítor Rocha); **3x300 metros** — Fernando Frade, Mário Sampaio e Miguel Correia, 2 m. 2 s. 3/10 (a 3 s. 7/10 do recorde de Domingos Perdigão, Fernando Frade e Vítor Rocha); **americana de 5 minutos** — Fernando Frade, Mário Sampaio e Miguel Correia, 2.225 metros (a 25 metros dos recordes de Domingos Perdigão, Fernando Frade e Vítor Rocha).

Com vista aos próximos campeonatos do mundo — que se disputam em Dezembro, no Pavilhão dos Desportos — os tempos registados não são ainda famosos; mas, com treinos e persistência, é possível que os patinadores portugueses não façam má figura. E quem dá o que tem e faz o que pode...

JORGE MONTEIRO

a prática do hóquei? Esse terreno, a nosso ver, podia muito bem ser adjudicado à Associação e nela teriam comparticipação (principalmente nas prova de carácter oficial) os clubes «sua» filiados: mas todos eles. Ora aqui está uma ideia que, com um pouquinho de boa vontade, talvez tenha possibilidades de se converter em facto real... Quem sabe? A maior parte das vezes, os grandes empreendimentos, e este é-lo-ia sem dúvida alguns, carecem apenas da iniciativa — tornada resiliada por uma «lembraça» aparentemente simples e que à primeira vista cremos irrealizável. Vamos, senhores directores, amigos do hóquei em campo, praticantes ou méros entusiastas pelo jogo, não custa nada tentar...

## ATLETISMO

# O Primeiro Passo

**P**ELA segunda vez o Sporting Clube de Portugal organizou na sua pista o torneio reservado aos rapazes que nunca tomaram parte em provas oficiais em representação de clubes com situação desportiva legalizada mas não filiados na hierarquia atlética.

A iniciativa, a que o nosso colega «Mundo Desportivo» deu o seu patrocínio é de grande interesse para a propaganda e expansão do atletismo mas, a manter-se no calendário como é para desejar, deve ter o seu regulamento alterado para garantia dos objectivos visados. Assim, por exemplo, parece-nos necessário levar os clubes que neste torneio participam a filiar-se na Federação da modalidade, determinando que a sua inscrição não pode repetir-se mais de três anos.

Os principais clubes lisboetas cultores do atletismo apresentaram, sob a égide de uma das suas filiais, os novos elementos simpáticos recolhidos nos seus torneios internos; excelente pretexto para ajuizarem do seu valor e formarem o núcleo base da sua equipa de principiantes para 1950.

Dos 700 concorrentes inscritos apenas compareceram cerca de quinhentos, o que é muito apreciável; embora, como é natural, a maioria demonstrasse técnica e preparação rudimentares, apareceram algumas unidades com reais aptidões e o êxito do empreendimento está assegurado.

Os tempos dos 80 metros foram fracos, mas não se passou ainda dos oitavos de final, o mesmo sucedendo nos 250 metros; os melhores tempos dos 700 metros foram de 1 m. 53,4 s., por Rui Costa, do Alenquer e 1 m. 54,6 s., por Vítor Silva, do Torreense.

As três eliminatórias dos 2.000 m., que apuraram 18 corredores para a final, puseram em

destaque o bejense Lança, 6 m. 9,4 s., marca de classe.

No salto em altura, doze participantes passaram o 1.<sup>o</sup> 45 que classificava para a final e no salto em comprimento ninguém conseguiu ainda chegar aos seis metros.

Finalmente, no lançamento do peso, José Cruz, também do Lisboa e Alenquer, atingiu 12.<sup>o</sup> 60 e passa para a final à frente da classificação.

Amanhã, pelas 21 horas, com a pista artificialmente iluminada, apurar-se-ão os finalistas dos 80 e 250 metros, ficando as finais marcadas para domingo de manhã.



Uma das 45 eliminatórias dos 800 metros fazendo parte do torneio «O Primeiro Passo». A genica dos futuros campeões é evidente...



Um grupo dos numerosísimos rapazes que, no domingo, no Estádio José Alvalade, tomaram parte nas eliminatórias do torneio «O Primeiro Passo», uma bela iniciativa do Sporting patrocinada pelo «Mundo Desportivo»

## LUSITANO, 2-SETUBAL, 2



guarda-redes de Setúbal salta no devido momento e lora o seu grupo de uma situação de gol!



Um ataque às balizas dos setubalenses! Baptista defende por alto, magnificamente, enquanto Luis, centro-avancado do Lusitano, aguarda os acontecimentos...

# A juventude inglesa e o Desporto

**O entusiasmo da mocidade pela prática desportiva tomou grande impulso recentemente**

**A** PESAR da profunda crise económica e financeira em que a Inglaterra se debate, mobilizando-lhe todas as energias aproveitáveis, a juventude britânica entrega-se com grande entusiasmo à prática dos desportos.

Bastaria ter assistido aos últimos campeonatos de boxe e de futebol, reservados a rapazes de menos de dezasseis anos, para se obter confirmação do progresso da causa desportiva entre a mocidade das Ilhas Britânicas.

O encontro Gales-Inglaterra, disputado a 21 de Maio, em Manchester, teve uma assistência de 70.000 espectadores, que aplaudiram, com sincera exaltação, os lances do despique — exemplo magnífico, sob o aspecto técnico e de correc-

ção, das capacidades juvenis em presença.

A cultura física desportiva sempre encontrou meio próprio nas escolas e universidades do Reino Unido. Desde a última guerra, todavia, organizaram-se, com deliberado propósito de servir a gente moça, esquemas transformados imediatamente em obras pormenorizadas, visando atrair a juventude à prática dos desportos populares.

Aproveitando os organismos de carácter local, que ficaram constituindo as primeiras células da organização futura, projectaram-se desafios e campeonatos distritais e nacionais. Deste modo, os rapazes encontram novos motivos de entusiasmo, seguindo as provas dos campeonatos com fé bairrista crescente.



*O cadete F. Marshall no acto de esquivar um directo da direita lançado pelo cadete A. H. Jones, durante um desafio de amadores disputado no Royal Albert Hall, de Londres*

Um dirigente inglês, ouvido sobre o assunto, declarou que tudo se faria para evitar decepções aos rapazes, escolhendo o próprio Estádio de Wembley como cenário da final do campeonato da bola e o Royal Albert Hall, para a eleição dos campeões de boxe. Ao mesmo tempo — e isto constituiu um belo trunfo psicológico — facilitaram-se alojamentos a todos os que quiseram presenciar aquelas provas decisivas, e fo-

ram milhares os beneficiados.

Tanto uma como a outra resolução dos dirigentes britânicos entusiasmaram consideravelmente a massa juvenil, que sentiu apoio concreto nos orientadores da sua causa.

\*\*\*

A organização futebolística juvenil, que mais interessa focar, compreende dois agrupamentos: o escolar e o adolescente.

O grupo representativo de cada escola disputa desafios semanais com os grupos congêneres da mesma localidade. Constituiu-se, depois, o grupo dessa localidade que participará no campeonato escolar nacional, a eliminar, cujo prémio é a Schools' Trophy.

Quase todas as cidades inglesas e galenses participam no torneio, apurando-se, em seguida, os melhores de cada Condado, que disputam entre si a supremacia. Por último, seleccionam-se os onze melhores rapazes para envergar os uniformes das quatro nações do Reino Unido.

A organização adolescente é mais heterogénea. Compreende agrupamentos diversos, tais como a Sea Cadets Corps, Army Cadets Force, Air Training Corps e a National Association of Boys' Clubs, que abrangem os rapazes saídos das escolas até à idade militar (18 anos).

Os adolescentes que não completaram dezassete anos



*Momento flagrante do desafio escolar entre os rapazes de West Ham e Edmonton, O guarda-redes, Williamson, do segundo indicado, para um shot a curta distância, saído dos pés de B arlow (à esquerda)*

# CURADO voltou à Académica

## — o seu clube!

António Henriques Curado voltou à Académica — ao seu clube.

Tal afirmação poderá surpreender, porventura ainda mais no caso deste jogador, sabendo-se que Curado começou no extinto «Comimbricenses», agremiação modesta que apesar de tudo, produziu uma obra, passou rapidamente pelas «reservas» dos estudantes de Coimbra, com uma ou outra episódica subida à primeira equipa, para duas épocas depois se transferir para o União, «eterno rival da Académica» e, finalmente, atingir a notoriedade através dos cinco anos passados no Vitória de Guimarães.

Mas a nós, que conhecemos de perto o ambiente do clube dos «capas negras» e sabemos como a ele ficam para sempre presos os que uma vez o viveram, a afirmação não provoca o menor espanto. Pelo contrário. Compreendemo-la e aceitamo-la como uma confissão — franca. Pois se ainda uma tarde destas ouvimos Capela, que é um jogador apenas com uma época de permanência na Académica, deplorar com a mesma emoção e a mesma sinceridade o facto de ter recusado o convite que lhe foi dirigido para se fixar em Coimbra no início da sua carreira!... E não será também frizante o de Micael, que deixou a Académica para alinhar pelo Atlético, mas regressou logo na temporada seguinte, irresistivelmente trazido pela saudade desse ambiente especial e inconfundível?

Curado volta ao grupo escolar — para ser o seu médio-centro.

É curioso registar que tendo passado por quatro clubes, em todos eles ocupou postos diferentes. No «Comimbricenses» foi avançado-centro. Nas «reservas» escolares — médio-direito. Na União — defesa do mesmo lado. No Vitória — médio-centro, no princípio da

formam uma classe (junior) e os restantes outra (senior). Ambas aproveitam do ensino ministrado por profissionais da bola, segundo acordo estabelecido entre a English Football Association e os Youth Leaders.

O pugilismo, que sempre foi um desporto de combate muito do agrado dos britânicos, é praticado com grande cuidado, seguindo à risca o preceito da «safety first». Neste ponto os ingleses estão acima dos americanos, embora menos actualizados do que seria natural sob o aspecto técnico.

A questão tem sido debatida. Parece-nos, no entanto, que entre o estilo do amador e do profissional de boxe deve haver distinção de métodos. Assim se explica o fracasso dos amadores ingleses nas recentes competições internacionais, batidos mais pelas concepções de critério das arbitragens do que pela insuficiência do estilo.

Terminaremos esta ligeira resenha, acerca do desporto nas Ilhas Britânicas, fazendo referencia ao exemplo salutar que significa — para todos nós — o carinho dos dirigentes, coordenando, fomentando e desenvolvendo a prática desportiva entre jovens e adolescentes.

sua segunda época em Guimarães, chamado para o lugar pelo treinador Alexandre Peix.

O futebol não admite intransigências, nem estabelece, rigidamente, dogmáticamente, tipos de jogador para cada um dos postos.

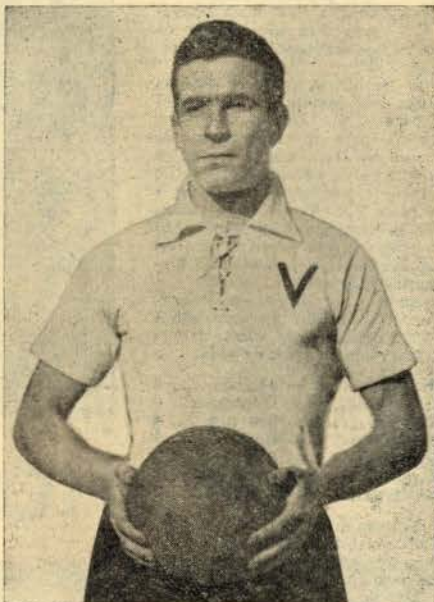
Querem um exemplo? Aqui o têm.

Curado não nos parecia capaz de vir a ser médio-centro, tal como entendemos o médio-centro do jogo moderno. Mas seja pela sua longa actividade, seja por ele próprio estar de acordo connosco quanto àquela opinião, o que não se pode deixar de considerar importante, pois nos vem comunicar que a ideia basililar não está nele de todo esquecida, reconhecemos hoje em Curado uma real utilidade e uma real valia, como que a reforçar a tese dos técnicos franceses, bem diversa da nossa, relativamente ao problema das características do homem a quem chamam «sterceiro defesa».

— De resto — diz-nos Curado — a minha experiência foi feita numa equipa quase sempre assoberbada na defesa. Não havia tempo para reflectir. As condições do jogo são muito importantes na formação do jogador. Em vez da calma, eu decidi-me pela rapidez. Dá resultado em muitos casos. Falhará noutros. Mas também sómente a calma não bastará todas as vezes... Demais, a actuação do médio-centro é hoje muito condicionada pela dos médios de ataque.

Como já declarei, aceito inteiramente o tipo do médio-centro que não se limita a ser um simples defesa. Tanto assim, que dos jogadores nacionais que mais gosto de ver actuar nesse posto é Felix.

O diálogo toma outro rumo.



Curado, envergando a camisola do Vitória de Guimarães, o clube onde se revelou



Esta foto foi tirada no estádio que a Académica fez este ano na Figueira da Foz. De joelhos, ao centro, Curado; à direita, Nelo, e à esquerda, Teixeira. De pé, o treinador, Genzi. Os últimos da direita são Serra Coelho e Pacheco Nobre

Perguntamos:

— Qual o avançado-centro que oferece mais dificuldades à marcação?

— Sem dúvida o que se desmarca constantemente e domina bem a bola...

— No caso das nossas equipas...

— Patalino, Cabrita... Pontoni, o argentino que vi jogar no Porto era um autêntico fantasma. Se as suas desmarcações perturbavam o próprio espectador, que aconteceria com o médio-centro encarregado da sua guarda? Quantas vezes tenho pensado nisto...

— Sobre o W M...

— O W M trouxe muitas vantagens ao jogador. Não sou eu que as nego ou deixo de reconhecer, tanto mais que delas tenho tirado partido. Mas parece-me que o jogo perdeu em desenvoltura...

— Curado volta à Académica...

— Para na Académica dar por terminada a minha carreira. A Académica, que foi sempre o meu clube, será o meu último clube. Só tenho pena de voltar tarde. Desejava jogar ainda muitos anos. Jogarei ainda alguns, por certo. Mas agora que estou no «meu clube», é que eu queria começar... Farei tudo por conservar a forma e conquistar o direito ao meu lugar na equipa principal. Aliás, fui sempre um jogador de futebol que tem em muita atenção os preceitos que asseguram a boa condição física. E é por isso que penso poder ainda jogar durante algumas épocas.

ADRIANO PEIXOTO

Assinem a «Stadium»

# A JORNADA dos empates

COMEÇA a disputa a sério, e a 2.ª jornada veio embrulhar e complicar as coisas. Até que ponto os números correspondem à verdade?

É problema, importa dizê-lo, ainda por esclarecer, mas a verdade está, por enquanto, na tendência para o nivelamento de valores. Destacam-se de entre todos, como há muito sucede no futebol português, Sporting e Benfica. Porto também tem ascendente, mas, de forma geral, os valores em luta revelam sensível equilíbrio. E à jornada das tangentes segue-se a jornada dos empates... Pela nossa parte gostamos de meditar um pouco sobre os resultados: por detrás da sua frieza palpita toda uma vida.

Benfica.....	4	—	Atlético....	0
Belenenses..	0	—	Olhanense..	0
Estoril.....	0	—	Sporting... 4	
Académica..	3	—	Braga.....	1
Guimarães..	2	—	Porto.....	2
Elvas.....	2	—	Covilhã.....	2
Lusitano....	2	—	Setúbal....	2

Nota-se que o desnível se verificou entre os concorrentes de Lisboa, que, como resulta do número de participantes, começam a devorar-se uns aos outros.

Trata-se, em dois desafios, de resultados-surpresa. Era perfeitamente de admitir o triunfo Benfica e sportingue, mas a margem dos golos excede as expectativas.

Consideramos a proeza do Sporting como o melhor resultado da jornada. Deve-se ter em conta o que representa jogar em casa do adversário, e este apresentar-se na máxima força.

Dos números do Estoril devem extrair-se mesmo várias considerações. A primeira, firme, é de que o Sporting continua a ser uma das grandes forças, com capacidade para resistir a uma provável crise que se desenrola. A retirada de Pyroteo e a confusão manifesta da organização defensiva não afectam a capacidade sportingista em termos do grupo dar a chamada queda desastrosa.

A verdade é que os líões vão encontrando homens para as falhas, e conservando a sua máquina a funcionar, talvez com atritos, mas com rendimento ainda positivo. Depois, o Sporting tira partido da vantagem de possuir homens espessos de encontrarem a solução para os problemas do recângulo. Vasques, por exemplo, agora a treinar com regularidade, pela mudança de emprego, encontra-se nestas condições. A sua acção pessoal tornou-se decisiva, e ele foi o diabo que atrai os inimigos para o inferno. O estreante Wilson, no posto de centro avançado, também cumpriu e resta vê-lo mais vezes.

O Estoril esteve em tarde manifestamente desorganizado, especialmente no capítulo da defesa, e teve de ceder. Entretanto, não

TAVARES DA SILVA

(Continua na página 12)



**BENFICA-ATLÉTICO** — À esquerda para a direita: Rosário e Júlio colocam Correia numa situação muito difícil... Moreira, situado a dez metros central, não só curtiu como esteve brilhante. Ainda lhe sobrou tempo para fazer jogadas acrobáticas...

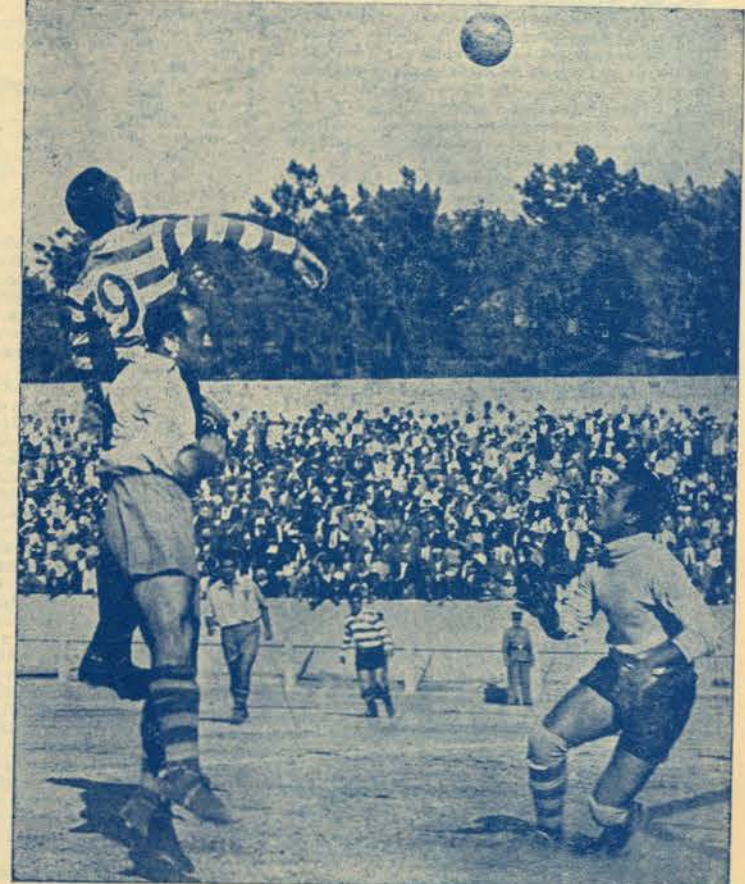
## SPORTING E BENFICA À CABEÇA DO CAMPEONATO



Júlio, impetuoso, ataca o guarda-redes, que defende a tempo numa bela imagem de jogo



**ESTORIL-SPORTING** — Em cima: Wilson, o estreante do Sporting, por enquanto uma esperança, mas já para alguns uma certeza, recolhe uma bola por alto e vai tentar o remate. Em baixo: Azevedo sofre a carga, mas defende com a habitual segurança



Wilson salta mais alto do que Alberto e remata de cabeça. Sebastião, bem colocado, defende



# A VIDA *de Fernando* PEYROTEO

## FAMOSO ★ JOGADOR ★ DE ★ FUTEBOL

*Escrita por Pitta Castellejo*

(Continuação)

— Você vai aí calado há tanto tempo, diga alguma coisa.

Assim começou a conversa com Basílio de Oliveira (só mais tarde soube quem era) essa saudosa figura de desportista impetuoso, que em vida, pelas suas virtudes, se impôs ao respeito e admiração de todos.

Interrogado sobre quem era, se jogava à bola, se pertencia ao Sporting há muito tempo, respondeu:

— Sim, sou sportinguista há muito tempo, mas ao de Lisboa há bem pouco, ainda. Quanto ao jogar à bola, dizem que tenho jeito e faço alguma coisa. Quando alinhar pelo Sporting se verá... Compreende o futebol é diferente na metrópole...

— Então você é... — atalhou o seu interlocutor.

— Sim, eu sou o preto que veio de Africa e de que vocês falaram há bocado.

Após esta afirmação todos o fitaram com curiosidade e as perguntas mais disparas não se fizeram esperar.

Quebrado o anonimato, o «novo» sportinguista foi obrigado a acamararar com os seus companheiros, decorrendo o resto da viagem em ambiente amigo e carinhoso, como se Fernando já fosse um velho conhecido.

A contemplação da paisagem foi substituída pelos mais variados diálogos, onde a vida do Sporting, com as suas vitórias e desaires e o valor dos atletas dos seus quadros de futebol, com palavras de louvor para uns a par de crítica irónica para outros, foram o entretenimento predilecto em que se consumiram as horas que faltavam para atingir a cidade da velha Universidade.

A caminho do hotel, sempre atento na contemplação de novas imagens, não deixou de parar para observar de perto o Mondego, recordando Pedro e Inês, os amorosos que se habituara a estimar desde que lera, nas páginas da História pátria, as suas venturas e desditas.

O formoso episódio do imortal poema de Luis de Camões, ocorreu-lhe à mente e, com um frémito de comocção, ali mesmo, recitou intimamente:

*Estavas, linda Inês, posta em sossego  
De teus anos colhendo doce fruto,*

Como se sentia feliz!

Que orgulho para um português, saber que tão belo poema, tinha sido vertido para treze idiomas diferentes: latim, espanhol, italiano, francês, inglês, alemão, holandês, sueco, dinamarquês, húngaro, boémio, polaco e russo!

Antes de afastar-se, fitou demoradamente as águas e rememorou os últimos dois versos do episódio, na tradução de Edward Quillinan:

*Think how the flowers around that fountain  
gleam  
Where tears the waters are, and love de name.*

Ao entrar no Hotel Avenida invadiu-o um misto de embaraço e timidez. Ia conviver com os «ases» da bola, com esses homens cujos nomes de há muito ouvia murmurar com admiração e que no domingo anterior tinha visto actuar em cheio.

Todavia, quando penetrou na sala de jantar, foi alegremente recebido com um vozear clamoroso de: *Olha o Fernando!*

Todo o embaraço desapareceu ao fitar caras conhecidas, ao verificar que a saudação amistosa proviera de um grupo de estudantes

angolanos — alguns deles seus antigos companheiros da equipa do liceu — que se haviam deslocado ao continente em cruzeiro de férias e ali estavam a almoçar.

Foi com comocção sentida que a todos abraçou, dirigindo-se, depois, já confiante, a ocupar o seu lugar, na mesa ao lado, onde os jogadores leoninos e os directores almoçavam também.

Fieis à velha praxe das «partidas» aos néfitos, embora o tivessem acolhido com amizade e carinho os «catedráticos» não se dispensaram de aproveitar o ensejo que se lhes deparava para «gosarem» o futuro companheiro.

Sob a orientação de Manuel Seiro — esse fogoso jogador «internacional» que não se esqueceu ainda — foram feitas várias tentativas com resultado negativo algumas, como por exemplo a da ida ao telefone para atender uma senhora que lhe desejava falar. O «comandante» porém, não desistiu de atingir o seu fim e conseguiu-o quando Fernando pegou no auscultador do telefone para atender uma hipotética jornalista.

O resultado do «logro» é fácil de adivinhar. Foi um autêntico coro de gargalhadas de mistura com piadas alusivas à ingenuidade do novato.

Nova digressão pela cidade, com visita a alguns locais celebrados por escritores e poetas e meia hora antes do desafio ocupou o seu lugar no campo, ansioso por assistir ao embate dos dois grupos.

Do que viu, agradeceu-lhe sobremaneira a vontade posta na luta, porque primores de técnica, não são tão frequentes de presenciar numa «final».

A derrota do Sporting deu-lhe ensejo para se convencer de que a sua idolatria pelos «leões» era bem fundada. Sentiu amargura tão sincera, como se já pertencesse ao clube há muitos anos, como se tivesse participado no encontro. Aquela grande penalidade que motivou a derrota, por Jurado ter agarrado a bola com ambas as mãos, para a colocar no sítio onde o árbitro assinalara falta a um adversário e cujo gesto o juiz de campo puniu, com um rigor inconcebível, por o facto se ter dado após ter apitado para a marcação do castigo, foi o primeiro trazo amargo sentido.

Dias depois, foi convocado para o primeiro treino, no campo atlético dos «leões», então no Campo Grande. Havia certa curiosidade em presenciar as possibilidades do novo elemento e por tal, o número de assistentes era avultado.

Mestre Joseph Szabo dirigiu e Fernando foi sujeito a dura prova, com a execução dos mais variados pormenores de remate com os pés e cabeça, passagens, maneira de pontapear, domínio de bola, etc.

Findo o apertado «exame», o aluno tinha

merecido aprovação, sem favor. Em conversa amena, o «mister» da turma leonina, com absoluta lealdade confiou-lhe as impressões recolhidas, apontando-lhe as qualidades e os defeitos, terminando por lhe garantir que seria um bom praticante se quizesse trabalhar e estivesse disposto a aceitar e a seguir os seus conselhos.

O mérito revelado no primeiro treino, foi confirmado amplamente em mais dois, pelo que ficou definitivamente resolvida a sua aceitação nos quadros do clube.

Durante o defeso, a vida do atleta prosseguiu com normalidade, tendo a natação merecido a sua preferência.

Iniciada a preparação com vista à nova temporada, foi integrado no número dos «melhores» e com eles começou a sua vida futebolística na metrópole.

Para começo, o treinador escolheu o «footing» que era praticado no Campo Grande e consistia em dar três voltas ao jardim. O tempo era rigorosamente anotado, a fim de que a celeridade se fosse acentuando.

Para obstar ao encurtamento da distância e à fuga ao percurso integral, muitas e muitas vezes Szabo os acompanhou.

Manda a verdade que se diga que Fernando acusou bastante o «esforço» despendido, por que a tal não estava habituado, tendo nos primeiros dias, sentido notória prostração, após a ducha.

Depois, como era natural, tudo correu pelo melhor. Nos treinos individuais e de conjunto, não se livrou, porém, das partidas dos companheiros que o «gosaram» como é da praxe, socorrendo-se das múltiplas artimanhas em que eram mestres. Quantas corridas desnecessárias para spanhar uma bola, atirada propositalmente para muito longe do sítio onde se encontrava!

A sua «presença» começou a constar nos «mentideros» da bola e as conjecturas e prognósticos quanto ao seu valor passaram a ser um tema propício para o dizer tu, direi eu!

Em consequência, um dia, seu irmão Ricardo foi abordado por elemento adepto do Futebol Club do Porto, que lhe solicitou intereferisse para que houvesse uma troca de impressões com Fernando. Consultado, este aquiesceu e marcou as 18 horas para um encontro na estação do Rossio, visto que, por estar accidentalmente em Sintra, costumava partir no combóio das 18,30.

Ricardo, no Banco, falou no assunto com o ar mais desprendido, sem nada ocultar aos amigos. Todavia, um deles, adepto dos «leões», não perdeu tempo em comunicar a «nova» à direcção do seu clube.

Por volta das 15 horas, os srs. Francisco Franco e Filipe Courado, procuraram-no na sua casa de Lisboa, não lhe tendo dito de princípio o verdadeiro motivo, mas sim que a sua presença era devida ao facto de julgarem oportuno que nesse mesmo dia fosse assinado, na A. F. L., o seu contrato.

Respondeu-lhes que não poderia ir em virtude de já ter o seu tempo destinado, mas que estava pronto a combinar qualquer outro dia.

Alarçados com a recusa, os dois dirigentes sportinguistas confessaram-lhe, então, que haviam tido conhecimento do encontro que se realizaria nessa tarde e para evitar pudesse ser levado a assumir uma atitude diferente, não por vontade própria, mas por desconhecimento da legislação, pretendiam que arrumasse a situação em definitivo.



(Continua)

# MOSAICOS

## nortenhos...

### UM TROFEU MONUMENTAL

Vai ser entregue brevemente à direcção do F. C. do Porto um trofeu monumental, que simbolisa a vitória do popular clube nortenho sobre o Arsenal de Londres.

Tivemos já ocasião de ver a Taça monumental. Não deve existir, de facto, em qualquer clube português, e possivelmente no estrangeiro, trofeu tão importante. Impressiona extraordinariamente quem o viu já, e na enriquecida sala de trofeus do primeiro clube do Norte domina de um modo curioso todas as Taças até agora conquistadas.

Falou-se em expôr esta Taça na capital. Mas a sua montagem e transferência tornar-se-ia dispendiosa e até difícil. Nunca em Portugal se terá visto um trofeu como este.

### ARAÚJO E O SEU OPTIMISMO

Saiu já do Hospital, onde foi operado às amígdalas, o internacional Araújo. O excelente jogador, com quem trocamos impressões, mostra-se optimista, ansiando regressar brevemente aos campos de jogo.

Oxalá que assim aconteça. Temos escrito já que Araújo, um valor positivo do futebol, tem feito muita falta à sua equipa. Todos o reconhecem. Logo, não surpreende que os portuenses, como o próprio atleta, se mostrem confiados. Dentro de um mês, talvez menos, Araújo deverá requerer uma nova inspecção.

O que se passará? Se o mal nos rins tinha origem na garganta, como se presume, poderemos contar com ele!

### Condições de assinatura

#### Pagamento adiantado

Custo por número . . . .	2\$50
3 meses, Esc. . . . .	32\$50
6 » » . . . . .	65\$00
12 » » . . . . .	130\$00

# Stadium

## na capital do Norte

Sob a direcção de RODRIGUES TELES

## A equipa do F. C. do Porto

Vimos jogar, no último domingo, a equipa do F. C. do Porto. Foi seu adversário o Elvas, que veio a perder o desafio por 1-0. Mas o resultado não interessa agora para o caso. Interessa apenas a análise ao valor presente do conjunto do F. C. do Porto.

Em nossa opinião, e pelo que vimos, o F. C. do Porto está com a equipa mais fraca do que na época finda. A defesa não conta por enquanto com a segurança de Barrigana, parecendo que o treinador está disposto a colocar no posto de suplente, em substituição de Valongo, um guarda-rede jovem: Graça. Este rapaz conta 20 anos e é de facto habilidoso. Mas tem 20 anos apenas...

Do guarda-rede até qualquer médio de ataque, não perdeu o F. C. do Porto nenhum dos seus recursos. Alfredo fez um belo desafio, o mesmo sucedendo a Vergílio e Carvalho. Joaquim teve apenas o defeito de prolongar demasiadamente a sua acção, sempre na ansia de querer estar onde faltava constantemente o ataque. Romão, sóbrio, revelou-se o mesmo bom jogador das últimas épocas.

No ataque, porém, tudo funcionou péssimamente. Nem Gasão. Este habilidoso interior apresentou-se mal preparado, e nunca pode contar com os colegas para dar seguimento a algumas bolas por ele entregues para o melhor sítio. Os dois novos recrutas, Monteiro da Costa e Baptista, parecem-nos capazes de subir, e o primeiro deu claramente a perceber que deverá actuar muito melhor como interior — esquerdo ou direito.

José Maria, de quem nos diziam maravilhas, só poderá vir a ser bom quando lutar com vivacidade. Arranca sempre largamente para a bola, e salta fora de tempo. Outro jogador que vimos actuar dentro da forma da época finda, é Vieira, extremo esquerdo. Vieira apresenta aos olhos do público os mesmos defeitos da época finda: chegar-se constantemente à linha de cabeceira para rematar — quase sempre contra a face lateral da baliza, ou contra o guarda-redes, naturalmente colocado junto a um dos postes. Vieira, entretanto, poderia ser um extremo de primeiro plano. Não lhe faltam excepcionais qualidades para isso.

Os seus companheiros perderam contra o Elvas magníficas ocasiões de marcar. Bastava, para tanto, que Vieira atirasse os centros que foi executar sobre a linha de cabeceira.

A equipa, em conjunto, perde-se por causa dos frágeis avançados que possui. O Porto continuará a contar com defesa da melhor categoria, mas enquanto o ataque não for modificado, ou pelo menos enquanto não aprender, tudo vai correr com muita dificuldade...

R. T.

## CURIOSIDADES...

O entusiasmo pela apresentação no Porto dos velocipedistas Gino Bartali e Fausto Coppi é deveras extraordinário. A iniciativa da sua apresentação em Portugal pertence ao F. C. do Porto, que entrou em negociações com a parçaria S. B. (Sporting-Benfica) para se efectuarem corridas no Estádio de José de Alvalade.

Estes dois famosos velocipedistas italianos devem colaborar em 4 corridas no Porto e em Lisboa. Em qualquer delas estarão presentes corredores do F. C. do Porto, Sporting, Benfica, Boavista, Académico e Salgueiros.

Não deverá surgir, qualquer complicação de ordem financeira. Todavia, deve dizer-se que os encargos são elevados.

O ciclista italiano Attilio Lambertini, que correu na «Volta

a Portugal» pelo F. C. do Porto, foi o intermediário nesta organização. Attilio Lambertini acompanhará Gino Bartali e Fausto Coppi. Este corredor apresentar-se-á depois do seu compatriota Bartali.

O grupo de honra do Salgueiros e o seu treinador Alfredo Valadas, foram homenageados com um banquete. Merecido. Como se sabe, o popular Salgueiros ganhou recentemente ao F. C. do Porto, conquistando-lhe a taça em disputa.

Fernando Moreira, a quem o seu clube levantou a suspensão, não tem corrido por falta de saúde. Em Lisboa, no Estádio de «José Alvalade», deu, há uma semana sério trambolhão. Espera-se que tome parte nas próximas sessões «internacionais».

## As categorias inferiores?

DISPUTOU-SE recentemente a «Taça Eng. Barros Moura», a que concorreram equipas de 1.ª categoria. Reservas — nada. Está a disputar-se presentemente o campeonato nacional. E de «reservas» — igualmente nada!

Não sabemos se os clubes portuenses e a própria Associação de Futebol se aperceberam já da gravidade deste caso: — o Porto só contar com uma equipa na 1.ª Divisão, e esta mesmo apenas com uma categoria!

Passando-se assim as coisas, os clubes mantem apenas em actividade os 11 jogadores do team de honra. Mais nada. Quando for necessário ir buscar suplentes, para tapar qualquer falta, terão de escolher um homem sem jogos, portanto sem preparação.

Pode ser isto assim? Antigamente, o campeonato era disputado por 4 categorias, mais os juniores ou infantis. Agora — é o que se vê.

Dizia-nos há dias um director do F. C. do Porto com certa razão:

— No fim de cada época vemos partir vários jogadores, a quem não temos coragem de conceder a desbrigaçãõ. E sabe porquê? Porque não temos, praticamente, categorias inferiores! Os rapazes, como é lógico, querem jogar. Mas onde? Não se organizam campeonatos, nem ao menos provas de cunho oficial...

E' de facto assim. Os suplentes das equipas de honra, aguardam que os companheiros sejam castigados ou adoeçam (para longe vá o sgoiro...) pois só deste modo podem pisar os campos! Por sua vez, os clubes, ao procurar «prender» alguns elementos, ouvem logo esta resposta:

— Para que me querem? Para assistir aos jogos, na bancada? Não, não. Também queremos jogar... E têm razão!

# Para o Luso o melhor resultado

Também merecem referência os «números» alcançados pelo Sporting de Fafe, Portimonense, Farense, Tirsense e Desportivo de Monção

Decorridas duas jornadas, já se podem fazer reflexões mais claras e juízos mais certos.

Os grandes favoritos do campeonato, mantêm-se em boa carreira e não cedem um palmo. Mas há clubes, considerados segundos planos, dispostos a venderem cara a derrota e até a conseguirem resultados sensationais na classificação final das séries.

Portanto o interesse que todos os anos o campeonato desperta, mantém-se esta época. Fazer prognósticos é trabalho arriscado e falto. As surpresas surgem em todas as jornadas acompanhadas sempre, pelo cortejo de lamentações, de fé restabelecida de esperanças que se todam, de energias que renascem, conforme agradam a uns ou a outros.

E assim, jogadas duas jornadas, podemos pôr no sector dos favoritos, as equilibradas equipas do Leixões, Oliveirense, Boavista, União de Coimbra, Sporting de Espinho, Ginásio de Alcobaca, «Leões» de Santarém, Oriental, Almada, Cuf do Barreiro, Académico de Viseu e Portimonense...

Mas há clubes que sem o rótulo de campeões, podem provocar alterações profundas: Famacção, Vila Real, Tirsense, S. de Lamego, Marialvas, Casa Pia, Alhandra, Luso, Seixal, Desp. de Beja, e talvez outros que não ocorrem...

Os adicionados, sofrerão com as confusões que surjam. E só os imparciais espregerão as mãos de contente, perante o equilíbrio verificado.

Observando os resultados, devemos colocar acima de todos, o obtido pelo animoso Luso, no Campo das Farias.

E na realidade, uma equipa menos cotada, que na jornada anterior, sofreu na sua própria casa uma pesada derrota, (1-5) ir vencer um real adversário, que igualmente nessa mesma jornada, conseguira a melhor proeza, derrotando o Barreirense no campo do Rossio, merece sem dúvida nenhuma, que a punhamos em lugar de destaque.

Para qualquer grupo, mesmo entre os seus, não é fácil bater o C. da Piedade, (que o diga o Barreirense). E então, vencê-lo no seu próprio campo é feito que merece especial relevo.

Ainda na mesma série, o empate que o Almada foi buscar ao Barreiro em luta com a Cuf, é de justiça que se saliente.

A Cuf, habituada a representar papel de relevo no Campeonato, vê este ano a sua tarefa extraordinariamente dificultada, pela rivalidade regional, existente na série. Mas há-de impôr-se.

E as duas grandes proezas, dos dois primeiros dias de campeonato, situam-se na série 6.

Isto é elucidativo.

Pela sua expressão e indícios de poder realizador, as marcas alcançadas pelo Sp. de Fafe, Portimonense, Farense e D. de Monção são dignas de saliência. O Portimonense, então, transformou-se, em máquina de fazer golos. 9-0 e 8-1, em domingos seguidos, querem dizer qualquer coisa. As legítimas aspirações do Portimonense mantêm-se intactas e com razão de sér. — A. J. Freitas

Seguem-se os resultados.

## ZONA A

**Série I**

Sp. de Fafe	8	—	Gil Vicente	1
F. Malhão	2	—	D. de Chaves	0
Vila-Real	3	—	Vianense	3
D. de Monção	5	—	F. C. de Fafe	0

**Série II**

Tirsense	6	—	Beira-Mar	0
Leixões	4	—	Desp. Aves	0
Académico	6	—	Leça	0
Espinho	1	—	Saonjaneense	0
Oliveirense	2	—	Boavista	0

## ZONA B

**Série III**

Vilmoínhos	1	—	C. Branco	3
U. da Guarda	1	—	Viseu	0
Gouveense	1	—	Sp. Lamego	4
Covilhãense	0	—	Ac. de Viseu	2

**Série IV**

Naval	1	—	Ferrovários	1
L. Santarém	2	—	Marialvas	1
Rossioense	3	—	Contimbricense	2
G. Alcobaca	3	—	Alcanenense	0
U. Coimbra	3	—	Torriense	1

## ZONA C

**Série V**

Olivais	2	—	Arroios	2
Operário	5	—	Palmeirense	3
F. Benfica	1	—	Casa-Pia	1
Oriental	4	—	Alhandra	2

**Série VI**

C. U. F. Bar.	2	—	Almada	2
C. Piedade	0	—	Luso	1
G. do Sul	3	—	D. Montijo	0
Seixal	0	—	Barreirense	1

## ZONA D

**Série VII**

Juventude	2	—	Estrela F. C.	0
Portalegre	1	—	S. C. Estrela	0
Elétrico	0	—	U. Montemor	4
Campo Maior	1	—	Lus. Evora	2

**Série VIII**

B. Esperança	0	—	D. de Beja	0
S. L. Faro	0	—	Farense	6
Aljustrelense	5	—	A. de Moura	0
F. C. Silves	1	—	Portimonense	8

# Jornada dos empates

(Continuação da pág. 8)

há dúvida que o seu ataque não se mostra produtivo. Enfim, os leões desfizem as dúvidas sobre o seu actual valor no terreno da Amoreira.

Nem admira que os juízos estejam a ser rectificadas. Caminhamos ainda no começo da prova, e o valor de um team não se extrai de um jogo mas de um conjunto de partidas. Também não se guardava o resultado do Campo Grande e ele deu-se.

O Atlético, apresentando uma equipa um pouco diferente (parece-nos fantasia a colheção de José Lopes a interior!) não conseguiu nivelar-se ao Benfica, nem dar a sensação de perigo.

O Benfica adoptou a curiosa inovação de colocar Moreira no centro da defesa, para segurar devidamente a melhor unidade do Atlético (Ben David). E soube ajustar a sua defesa à linha de ataque atlética, na orientação desta de adiantar um dos meias-pontas. Júlio regressou ao eixo da linha avançada. Consequência das medidas tomadas e do momento psicológico que o clube atravessa: o Benfica realizou uma partida admirável de movimentação, em que todas as unidades desempenharam com eficiência o seu papel.

Por outro lado, na equipa do Atlético, mais uma vez se revelou a falta do sentido do remate: os passes só tem valor quando convergem para acionar a guilhotina, ou, então, transformam-se em manifestações de arte individual.

Chama-se Associação Académica de Coimbra o outro concorrente vitorioso. Braga caiu no estádio municipal, ainda que de pé. Os estudantes estão em franco progresso, e é justo salientar que se trata de um team que representa uma boa afirmação de futebol. A conquista da entrada na Primeira Divisão deu-lhes personalidade e a consciência de um valor positivo.

A equipa realizou meia hora de futebol prático, rápido e brilhante. Está mais forte na defesa, dispõe de uma parrelha medular que, cobrindo a defesa, sabe lançar o ataque, e este é rápido e ligado, de boas combinações.

Por parte do Sporting de Braga pratica-se igualmente o jogo de conjunto, característica mais acentuada nas equipas que não tem individualidades, mas, se a sua defesa se mostra eficaz, o mesmo não pode dizer-se do ataque, à base da habilidade, mas sem força para suportar o embate com o inimigo, o que se transforma fundamentalmente em ineficácia. Parece-nos curiosa, e, pelos vistos, acertada, a colocação de António Marques a defesa central, mais uma vez se provando que é mais fácil o jogador deslocar-se da frente para trás do que de trás para a frente.

Temos em seguida a série dos empates, cada qual mais estranho. O das Salésias deve exercer uma influência nefasta na moral belesense, que parecia querer ressuscitar.

gir. A não ser por lesão, ou por intenção disciplinar, torna-se incompreensível o afastamento de Feliciano, de resto, já mais leve e em forma.

Também merece uma crítica a mudança de Narciso, que se tem de aproveitar tal qual é ou tirar de si o sentido, para a ponta direita. Um pouco por estas causas e muito pela imperfeição das máquins, o futebol belem apresentou-se negativo. O sentido das balizas é a via única das vitórias.

Os algarvios de Olhão fizeram uma exibição que se traduz nestas simples palavras: equipa superior à época transacta. A defesa sabe ligar os seus esforços, e, notando-se deficiências na linha média, o ataque é formado por experientes. Chamam-se Cabrita, Salvador e João da Palma. Porque é que este ataque não mete golos e não ganha os encontros?

O Covilhã foi a Elvas buscar o ponto que perdeu, num desafio equilibrado. A inclusão dos estrangeiros parece dar mais força à equipa. O Elvas atravessa nitidamente um período de crise que é assinalado pela utilização de jogadores já no fim da carreira, e pelo abaixamento de forma dos seus melhores elementos.

Em Vila Real de Santo António, Setúbal conseguiu estabelecer o empate. Eis um bom resultado para o visitante. Faltou, é certo, no Lusitano, o pilar da defesa, Caldeira. Mas os rapazes de Vila Real chegaram a 2-0, e, depois de isso, fragmentaram-se um pouco e cederam. Parece que isto significa excelente preparação física dos setubalenses e ânimo predispósito à luta.

A situação em Guimarães parece menos agradável do que épocas atrás. Sabemos que o simpático clube luta com falta de jogadores. Mesmo assim, este Vitória continua a ser um adversário difícil de bater em sua casa. O Porto, que é um dos categorizados, não fez mais do que o empate. Chegamos de todos os lados notícias de que os portugueses fizeram um bom jogo, estando a verificar-se a adaptação dos novos elementos.

A segunda jornada desenha as seguintes perspectivas: — Sporting e Benfica na discussão do título; indecisão quanto aos postos que se seguem; e visão de luta diabólica em relação aos últimos lugares. Isto é o que se apura de momento. Os dois últimos lugares são o fantasma. O antepenúltimo uma preocupação. Não compreendemos como ainda não foi anulada a decisão de fazer baixar os dois últimos. Já é tempo de sossegar todos.

Venha ela depressa, pois não deve brincar-se com coisas sérias. A propósito: no domingo passado, praticamente, não houve futebol na cidade do Porto. Isto pode ser? Por obediência aos Regulamentos, que não são letra infalível, pode ou deve prejudicar-se o jogo?

TAVARES DA SILVA



A defesa do Olhanense, Loulé, Rodrigues e Acácio estabelece um círculo de segurança em volta do centro-avanzado do Belenenses!

## BELENENSES, O-OLHANENSE, O



Narciso, colocado à ponta-direita, prepara-se para a luta com Loulé!



Eminência ataca Sério, e Moura observa a jogada. João da Palma acorre, por obrigação...

### Classificação geral

	CASA				FORA				TOTAL				P.
	J.	V.	E.	D. B.	V.	E.	D. B.	V.	E.	D. B.	P.		
Sporting .....	2	1	—	3-1	1	—	4-0	2	—	7-1	4		
Benfica.....	2	1	—	4-0	1	—	3-2	2	—	7-2	4		
Académica....	2	1	—	3-1	—	1	—	2-2	1	1	5-3	3	
F. C. Porto....	2	1	—	1-0	—	1	—	2-2	1	1	3-2	3	
V. Setubal....	2	1	—	2-1	—	1	—	2-2	1	1	4-3	3	
Belenenses ...	2	—	1	0-0	—	1	—	1-1	—	2	1-1	2	
Olhanense ...	2	—	1	2-2	—	1	—	0-0	—	2	2-2	2	
Sp. da Covilhã	2	—	1	2-2	—	1	—	2-2	—	2	4-4	2	
«O Elvas»....	2	—	1	2-2	—	1	—	0-1	—	1	2-3	1	
V. Guimarães.	2	—	1	2-2	—	1	—	1-2	—	1	3-4	1	
Lusitano.....	2	—	1	2-2	—	1	—	1-3	—	1	3-5	1	
Estoril.....	2	—	1	0-4	—	1	—	2-2	—	1	2-6	1	
Atlético.....	2	—	1	1-1	—	1	—	0-4	—	1	1-5	1	
Sp. Braga....	2	—	1	2-3	—	1	—	1-3	—	2	3-6	0	

**ARCADIA** DANCING DE LUXO  
Hoje e todas as noites

AS MAIS ELEGANTES BAILARINAS DO MUNDO **RIBER E DANTZER**

O GRACIOSO BALLET INTERNACIONAL **SACHA GOUDINE**

A DINAMICA ORQUESTRA ESPANHOLA **RIO CLUB**

Nicole Blanchery ♦ Mary Moly ♦ Mabel Valência ♦ Ballet  
Sevilla ♦ Sara Sony ♦ Carmen Viñes ♦ Marina del Rio

**ORQUESTRA ARCADIA** com a vocalista **JULIETA RODRIGUES**

# A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

## Boxe

A situação internacional, no que respeita à classe de pesos-pesados, é verdadeiramente comprometedora.

Americanos e europeus procuram com avidez o sucessor de Joe Louis, cuja carreira foi de tal modo desvastante ao ponto de semear em redor o vácuo absoluto. O formidável negro de Detroit continua a ser aplaudido e solicitado nas principais cidades americanas. Ainda há poucos dias exibiu-se contra outro hércules de ébano, Austin Sheppard, na cidade de Baltimore, e a enchente de espectadores constituiu uma demonstração flagrante da sua incomparável popularidade.

Onde está o segredo do fenómeno? Num pormenor que a muitos terá passado despercebido: Joe Louis foi sempre um desportista a valer, enquanto profissional. A semelhança de Jack Dempsey, Gene Tunney e dos grandes lutadores do ringue que os precederam, soube ganhar a vida imaculadamente, prestigiando a profissão.

Os homens de raça africana dominam esmagadoramente em quase todas as categorias ponderais.

Ezzard Charles, Walcott e Jimmy Bivins ocupam lugares proeminentes na classe de «pesados»; Leonard Morrow, Archie Moore na de «semi-pesados»; Ray Robinson, Kid Gavilan e Beau Jack nos «semi-médios»; Ike Williams em «leves»; Sandy Saddler nos «semi-leves», etc.

O fenómeno, de natureza cíclica, pode atribuir-se a duas causas. Uma delas é o elevado número de negros que se apresentaram a praticar o jogo do soco, afastando os brancos que alimentam preconceitos raciais; a outra, o abaxamento espontâneo da remuneração, pois o pugilista de cor é menos exigente.

Só na classe de «médios» o nível é ainda elevado, com Cerdan, La Motta, Graziano, Belloise, Dauthuille, Mitri, Dave Sands, etc.

Alguns resultados da semana: O pesado argentino Cesar Brion pôs fora de combate, ao 2.º assalto, Tami Mauriello, antigo rival de Joe Louis. O vencido anunciou abandonar a actividade para sempre.

Outro pugilista da mesma classe ponderal, o sueco Tandberg, também passou à reforma.

Na arena Harringay (Londres), Dave Sands campeão da Austrália, ganhou por pontos ao americano Peter Mead, depois de encarniçada batalha. Os dois jogadores terminaram esgotados mas Peter Mead com as feições destruídas.

Michaell Palermo, veterano pugilista romano, venceu Pino Facci por K-O ao 10.º assalto. O combate, realizado em Nápoles, constituiu a meia-final para apuramento do pretendente ao título de «semi-médios».

Na Sala Wagram, em Paris o clássico jogador Kid Marcel derrotou por pontos o pugilista Sérgio Barthélemy ao cabo de um disputado combate.

## Atletismo

A nota mais saliente que caracterizou a temporada de desportos atléticos do corrente ano foi o renascimento da França e da Itália.

Os resultados internacionais conseguidos pelos franceses, especialmente contra os países nórdicos, e a circunstância de se terem melhorado onze recordes nacionais e de se igualarem outros cinco, constitui uma prova inegável do progresso do atletismo gaulês.

Fora de casa a França bateu a Finlândia, por 110 pontos a 104; em Oslo derrotou a Noruega, por 128 a 90; e em Paris, ultimamente, os suecos sucumbiram por 3 pontos de diferença.

Quanto à Itália, se a melhoria das suas proezas em pistas de cinza é menos flagrante isso deve-se, também, aos escassos encontros internacionais que disputou. O mais recente, contra a Bélgica, foi um êxito clamoroso com 22 pontos de vantagem.

O «match» realizou-se em Milão, em condições atmosféricas desfavoráveis, mas algumas proezas foram de grande qualidade internacional. Estão nesse grupo o tempo do magnífico velocista transalpino Tonino Siddi, que percorreu 400 metros em 47,2 s. O mesmo se pode dizer de Taddis, lançando o martelo a 54,264 e de Consolini arremessando o disco a 54,22 e ainda o tempo de Albanese nos 110 barreiras gastando 14,9 s. Por último, anote-se a proeza do veterano Monti, chegando à frente de todos os concorrentes nos 200 metros planos em 21,9 s.

As três grandes figuras do atletismo italiano no presente momento são: Consolini, Siddi e Taduia.

## Ciclismo

O popular desporto velocipedico, tão querido dos países da Europa Ocidental, entrou numa via pouco recomendável: o das corridas quermesses, e dos «critériums». Este género de provas-vilegiaturas, e de exibições, descontentou especialmente os corredores belgas, especialistas em provas de estrada, que emigraram quase em massa para a Itália.

Os triunfos de Coppi e de Bartali (agora vencedor, em Viena de Austria, do Grande-Prémio da capital austríaca) devem ter influenciado os corredores de Além-Quévain, revelando-lhes possibilidades financeiras interessantes.

Primeiro, os contratos firmados com o fabricante Bianchi deram a Depredomme e a K-teler pingues lucros; depois, a amizade de

## NOTA DA SEMANA

Os franceses, tão facilmente inclinados ao desespero como ao euforismo próprio das raças latinas, encontram-se, neste momento, numa fase de alegria estufante, valha a verdade de justificada embriaguez.

A França entregou-se à causa desportiva de alma e coração. Vencida pela Alemanha em 1870 jamais esqueceu o fracasso militar, lançando mão de todos os triunfos morais que lhe pudessem assegurar a desforra, e os exercícios físicos não foram os menos valiosos no triunfo das suas armas, durante o conflito de 1914-18.

Todavia, se exceptuarmos a ascensão vertiginosa do famoso Carpentier, a rivalidade de Jean Bouin e Kolemmaine, a tenacidade dos seus rugbymen, etc., nunca os franceses viram a supremacia dos seus atletas ou dos seus futebolistas tornar-se bem efectiva.

O momento parece ter chegado agora. O comportamento da equipa de França, em Belgrado, empatando com o grupo nacional sueslavo, que se considera dos primeiros do continente europeu, juntamente com o real progresso do atletismo gaulês — vencido nesta época, sómente pela Inglaterra — convenceram os dirigentes de além-Pirineus de que é mister trabalhar profundamente a orgânica desportiva a fim de colher os frutos amadurecidos.

Para a consolidação do atletismo, a partir de 15 de Novembro próximo funcionará no estádio da Porta de St. Cloud um Centro de Treino Cotidiano, cuja direcção está confiada a super-ases como Marcel Hansenne e Marcel Tchmill, este último o preparador do fenómeno africano El Mabrouk, com o concurso de Roger Debays, dirigente do atletismo nacional.

Assim, uma preparação de Inverno servirá de base às provas da Primavera e espera-se que o exemplo da capital venha estimular as principais cidades da província.

Também o jogo da bola deu um passo em frente, no que diz respeito à preparação de rapazes entre 9 e 12 anos de idade. A comissão mixta encarregada de estudar o projecto de Gabriel Hanot, sob a presidência de M. Desroys du Roure, da Direcção Geral dos Desportos, aprovou por unanimidade, devendo ser-lhe dada publicação oficial dentro de pouco tempo.

A sabedoria das nações afirma que se deve malhar o ferro enquanto estiver quente.

E' isto, afinal, o que os nossos amigos franceses, com manifesto tacto, tratam de conseguir.

A demissão do governo presidido por Mr. Henri Queuille, depois de treze meses de gerir os destinos da França, tornou o Secretário de Estado da Juventude e dos Desportos, André Morice, a abandonar as funções que exercia com o aplauso unânime dos seus concidadãos.

Poucos governantes, como ele, souberam estudar a fundo os problemas da sua pasta e raros foram, também, os que tão de perto ouviram reclamações e alvites, atentamente.

Salu com uma conta-corrente a seu favor e esse saldo positivo enumera-se assim:

Arrançou uma redução ferroviária de 50% a favor dos desportistas em trânsito; elevou a 2 bilhões os créditos de equipagem desportiva; colaborou intimamente com as federações e com o Comité Nacional dos Desportos; melhorou as subvenções; estabeleceu um plano a longo prazo de recrutamento do pessoal de ensino, etc., etc.

Acima de tudo isto: uma cortezia de maneiras e uma seriedade absoluta nas suas palavras e acções!

Parece mentira, caro leitor. Cortezia e seriedade são dois atributos tão raros, que este chorado desportista André Morice nem parece da nossa época.

RAFAEL BARRADAS

Jomaux por Bartali, influiu na ida daquele para a península italiana e deverá participar, no próximo mês de Outubro, nas corridas dos Vales Varésianos, na Volta à Lombardia, etc.

Atrás dos citados ciclistas ou-

tros se lhes seguiram, pelo que é caso para perguntar: Trata-se do prelúdio de uma nova orientação do ciclismo belga? Ou simples movimento de protesto, contra a maneira como os dirigentes procedem?

# A época de 1949

analizada pelos números

**O**S números deixam-nos da finda temporada de atletismo uma impressão mais animadora do que aquela que se colhe pelo simples exame dos resultados.

Se as marcas expontes não ultrapassam a maioria dos vértices da época anterior, (11 melhores marcas em 1948 e 6 em 1949 nas provas individuais do programa olímpico), a subida dos valores secundários conduziu ao aumento quase geral das médias, demonstrativo de um progresso em profundidade que é, para o futuro, da maior importância. Este benefício resulte, em grande parte, da alteração introduzida nos programas, uniformizando as distâncias nos moldes clássicos para todas as categorias, dos principiantes aos seniores.

Durante os meses de actividade em pista, infelizmente demasiado curtos, foram sete os recordes nacionais melhorados: 1500 e 2000 m.; estafetas de 4x200 m., 4x800 m. e 4x150 m.; lançamento do dardo. E clareza-se que, ao contrário do afirmado pelo cronista do nosso colega «Mundo Desportivo», o tempo de Branco nos 2000 m. não é recorde ibérico; supera, de facto, o mínimo espanhol homologado no final de 1948, mas no decurso desta temporada o estalão Rojo desceu a marca espanhola para 5 m. 37,6 s. (18 de Junho), melhor do que o do nosso Branco.

Foram em número de 23 as marcas do ano pontuadas em mais de 800 pontos, dos quais 6 nos 100 metros; nos últimos anos tivemos: 1945—20 (6); 1946—17 (4); 1947—18 (9); 1948—26 (10). Entre parentesis o número de marcas correspondentes aos 100 metros, prova em que sempre alcançamos resultados excepcionais, comparados aos das restantes provas.

Eis as 23 boas marcas de 1949, por ordem decrescente de valor: Paquete, 10,8 s. nos 100 m., 902 p.; Moraes, 10,9 s. nos 100 m., 872 p.; Matos Fernandes, 56,1 s. nos 400 m. barreiras, 854 p.; o mesmo, 50,4 s. nos 400 m., 851 p.; o mesmo, 1,85 em altura, 846 p.;

Abreu, 22,3 s. nos 200 m. e Maia, 11 s. nos 100 m., 843 p.; Alcide, 14,34 no tripo, Afonso Marques, 32 m. 34,2 s. nos 10.000 m. e Ricardo Durão, 15,6 s. nos 110 m. barreiras, 833 p.; Paquete, 22,9 s. nos 200 m., 830 p.; Branco, 4 m. 8,5 s. nos 1.500 m., 824 p.; Artur Dias, 50,9 s. nos 400 m., 823 p.; Quaresma, 32 m. 41,6 s. nos 10.000 m., 822 p.; Alvaro Dias, 7,05 em comprimento e Eleutério, 22,5 s. nos 200 m., 317 p.; Mire Dorez, Matos Fernandes e Eleutério, 11,1 s. nos 100 m., 814 p.; Eduardo Silva, 4 m. 9,8 s.

nos 1.500 m., 810 p.; Branco e E. Silva, 1 m. 59,7 s. nos 800 m., 805 p. e Afonso Marques, 15 m. 47,8 s. na légua, 802 pontos.

Apenas em cinco provas não logramos atingir os 800 pontos, e nestas os melhores resultados foram: disco, Manuel da Silva, com 42,24. 779 p.; dardo, Jorge Matos, 56,37 e 709 p.; peso, M. da Silva, 12,87 e 703 p.; martelo, M. da Silva, 40,93 e 680 p.; vara, Prista Caetano, 3,45 e 672 pontos.

Passemos agora ao confronto entre 1948 (primeira marca indicada) e 1949 pelo exame das mé-

dias tiradas dos 10 melhores resultados em cada modalidade: 100 m., 10,97 s. e 11,09 s.; 200 m., 22,95 s. e 22,89 s.; 400 m., 52,97 s. e 52,64 s.; 800 m., 2 m. 4,43 s. e 2 m. 4,47 s.; 1.500 m., 4 m. 21 s. e 4 m. 17,7 s.; 5.000 m., 16 m. 9,6 s. (7 resultados apenas) e 16 m. 21,96 s.; 10.000 m., 34 m. 35,7 s. (6 resultados) e o mesmo tempo para sete resultados: 110 m. barreiras, 16,66 s. e 16,45 s.; 400 m. barreiras, 1 m. 199 s. e 1 m. 0,7 s.; altura, 1,728 e 1,738; comprimento, 6,88 e 6,67; tripo, 13,58 e 13,34; vara, 3,18 e 3,24; peso, 11,81 e 11,64; disco, 36,05 e 35,72; dardo, 46,59 e 48,17; martelo, 31,275 e 31,06.

Em resumo, a média foi melhor este ano em 9 modalidades, inferior em 8; o maior aumento verifica-se no dardo e a baixa mais assentada no salto em comprimento e no tripo.

No entanto, se em vez da média compararmos os 10.<sup>os</sup> resultados da tabela, 1949 leva vantagem em 10 provas (200, 400, 800, 1.500 e 5.000 m.; 400 m. barreiras; salto à vara, lançamentos do peso, disco e dardo); há igualdade nos 100 m. e no salto em altura.

Isto significa que, nalgumas especialidades, foram as primeiras figuras quem falhou.

Examinemos agora, um quadro abaixo as médias em pontos finlandeses extraídos dos cinco melhores resultados em corridas, em saltos, em lançamentos e no conjunto das 17 provas.

	1945	1946	1947	1948	1949	Aumt.
C.	750,3	749,7	748	772,5	781,7	31,4
S.	725	717,7	730	735,4	732,7	0,3
L.	575	605	602	622,3	616,3	41,3
T.	701,6	708	709,5	728,5	729	27,4

Sómente nos saltos o saldo é negativo, porque este ano houve, como vimos, baixa de forma das primeiras figuras dos saltos em extensão.

Para concluir, o mesmo confronto, mas entre as médias dos dez melhores resultados em 1948 (ano olímpico) e 1949.

	1948	1949	Aumento
C.	729,3	736,2	6,9
S.	688	681,5	6,5
L.	551,7	553,7	2
T.	675,5	678	2,5

As conclusões confirmam as do quadro precedente.

SALAZAR CARREIRA

## ATLETISMO no estrangeiro

**Alguns resultados:**  
Em Budapeste, o lançador húngaro de martelo, Nemeth, mandou o engenho a 55,76.

Em Atenas, o saltador à vara fran. és Sillon transpôs 4,15, batendo o recorde nacional.

Em Birmingham o corredor de meio fundo Bill Nankeville realizou o tempo de 3 m. 1 s. na distância de três quartos de milha (1.206,75).

## GRAVURAS de Armels & Moreno, Lda.

Travessa S. João da Praça, 38

## PORTUGAL

na

### «História da Educação Física»

**O** professor belga Henri de Gensl, vice-presidente da Federação Internacional de Ginástica Jmg e presidente da Federação do seu país, publicou agora o segundo volume da sua interessante e bem documentada «História da Educação Física», consagrada aos tempos modernos e às grandes correntes contemporâneas na Europa.

A obra, toda ela excelente e completo elemento de consulta, consagra naturalmente um capítulo a Portugal, onde, ao longo de uma dúzia de páginas é analisada, desde as suas origens, a prática dos exercícios físicos entre nós e a evolução das ideias pedagógicas sobre a educação física da juventude lusitana.

«Desde as suas origens, escreve o autor, os portugueses, além das profissões manuais e agrícolas, praticaram sempre com interesse e mesmo com paixão os jogos e as danças populares, a natação, a caça, a equitação, a esgrima com todas as armas da época, seus torneios e duelos, corramento de treino rigoroso, corridas de louros com o toureiro a cavalo como parte essencial do espectáculo.»

Depois de relacionar o nosso período áureo de descobertas e conquistas com a prática intensa dos exercícios militares e náuticos, o prof. de Gensl refere o amolecimento dos costumes, consequência da grande opulência da nação, que nos levou a uma crise da qual prontamente saímos pela reacção das energias físicas e morais hereditárias.

Após análise da evolução da educação física no país, desde 1855 aos nossos dias, o ilustre pedagogo conclui:

«Depois de um passado cheio de feitos heroicos, que causam admiração tanto pela vontade indefectível como pelo poder de resistência física que exigiam, Portugal deixara-se insensivelmente disanciar, não em vitalidade física, mas como potência mundial.

... Desejoso de recuperar o atraso, o Governo actual orientou primeiro toda a actividade organizadora fixando o objectivo a atingir, a escolha e o espirito do sistema de cultura física a adoptar, as condições e a unidade metodológicas, imprimindo-lhes um carácter nacional. Enfrentou o problema sob um ângulo que lhe permitiu não cair no materialismo fatal à formação moral e à saúde física da juventude.»

O prof. de Gensl, que visitou Lisboa por ocasião do Congresso da F. I. G. L. em 1947, soube no seu livro apreender o esforço de ressurgimento nacionalista português, enquadrando o seu comentário numa obra que não é exagero classificar de notável.

S. C.

REVISTA

Stadium

Vende-se no RIO DE JANEIRO

na CASA VANNI

161, Avenida Rio Branco, 161

## Académica, 3-Braga, 1



Um jogador do Sporting de Braga acaba de fazer um passe. Azeredo e Pacheco Nobre, os dois médios, pretendem corlar a jogada. Conseguem-na

## Académico, 6-Leça, 3



E assim se marca a 5.ª bola do Académico...

Capela defende muito bem por alto, tendo ao seu lado Branco e Brás

## Elvas, 2-Covilhã, 2



Patalino ataca, no seu estilo impetuoso, encontrando, aliás, resistência. Roqui está atento...



Na marcação de canto, um ataque do Elvas às balizas do Covilhã!



O defesa do Leça anula, entrando a tempo, uma avançada do Académico